

EMMANUEL MOUNIER

o personalismo

O TEMPO E O MODO

Livraria Morais Editora • Lisboa

Shi

EMMANUEL MOUNIER

o personalismo

TRADUÇÃO E PREFÁCIO
DE JOÃO BÉNARD DA COSTA



M. SOTTOMAYOR CARDIA
DOAÇÃO

o tempo e o modo

LIVRARIA MORAIS EDITORA
Rua da Assunção, 49-51
LISBOA 1960

Shi

141.144

BSC 846

TÍTULO ORIGINAL: *LE PERSONNALISME*
(COPYRIGHT BY PRESSES UNIVERSITAIRES DE FRANCE, 1950)
DIREITOS DE TRADUÇÃO PARA LÍNGUA
PORTUGUESA RESERVADOS POR LIVRARIA
MORAIS EDITORA, LISBOA, 1960

1025 SC

Shi

PREFACIO

Quando se ofereceu finalmente a possibilidade de revelar ao público português a admirável obra com que neste tempo nosso se cerrou a mensagem de Mounier, trabalhávamos já num volume de características diversas (1), cujo fim primeiro outro não era do que servir de introdução a essa mesma mensagem. Nele procuramos encontrar o fundador do Esprit na irreduzível complexidade das diversas facetas de que se revestiu sua vocação, e para ele remetemos, pois, o leitor desejoso de mais largos contactos e dum mais vivido conhecimento.

Mas porque esta será a vez primeira que Mounier nos fala em língua portuguesa, cumprem desde já algumas palavras e algumas considerações que, embora com a brevidade e as lacunas a que um prefácio forçadamente exíguo normalmente obriga, ajude a situar esta obra adentro do pensamento de Mounier, e este adentro do chamado personalismo. Cumprem também e ainda, porque

(1) *O Pensamento de Emmanuel Mounier* (título provisório) — a sair na Colecção Círculo do Humanismo Cristão, ainda este ano.

as diferentes facetas a que atrás nos referimos — o cristão, o filósofo, o educador, o homem de acção, o polemista — se encontram e interpenetram da forma mais radical e mais acabada na sùmula de todo o seu pensamento que é o pequeno volume da colecção *Que sais-je?* agora traduzido.

Publicado no último trimestre de 1949, a cerca de três meses da morte do seu autor, escapa *Le Personnalisme* ao carácter geral e vulgarizador das obras da colecção a que pertence. Nas páginas que se seguem, Mounier não nos vai dar o esclarecimento ou o resumo duma doutrina que dele não era passível, mas, muito antes, vai tentar, a partir de seus temas e dados fundamentais, apresentar-nos em plena elaboração e em plena vida uma filosofia que escapa a todas as sistematizações, exactamente porque assente na pessoa, que é livre e sempre imprevisível. É assim que o que aqui encontramos é sobretudo o agente doutrinário, sem corpo de doutrina, a sistematização sem sistema, o encontro com temas que merecem e justificam existências, essa dimensão de testemunho e de mensagem para que o seu pensamento mais normalmente é compelido e que, tanto sua vida como sua obra, sempre quiseram assumir. Para lá, pois, de acordos ou desacordos a um nível mais — ou menos — especificamente filosófico, interessa o próprio e muito outro nível a que a obra se coloca, interessa aquilo que nela constitui a unívoca dimensão de Mounier — a entrega duma

vida e dum exemplo, a entrega duma pessoa nos caminhos sem retorno duma opção e dum destino.

O valor da filosofia de Emmanuel Mounier coloca-se para nós de forma não absolutizada nem peremptória, e julgamos situá-lo se dissermos que o seu maior motivo de interesse reside na temporalidade da sua filosofia, ou seja, no vivo diálogo por ele estabelecido com o mundo em que viveu, mundo que assumiu as bem particulares coordenadas duma época e dum lugar, entre os quais e nos quais o seu pensamento se precisaria. Estamos perante um filósofo que não hesitou em sacrificar a filosofia (tomado este termo agora no sentido docente, no sentido do ensino da filosofia) a uma obra que na acção foi construída e na acção se fez; estamos perante um homem que não hesitou em abandonar os caminhos que uma acção política normalmente implica, por uma lúcida e firme meditação que, fundamentando essa acção, a impediu de se contradizer ou decompor em opções cujo carácter concreto fosse contra o verdadeiro compromisso em que se empenhava e se baseava. Neste sentido, o personalismo de Mounier é por excelência o personalismo existencial de que fala Berdiaeff: a pessoa realizando-se nas coordenadas do facto, no pensamento que se compromete, na existência que radica e personaliza a própria pessoa.

Assim, não encontramos em Mounier, nem o filósofo, nem o homem da praxis, ou antes, encontramos-los, mas a nível diferente fundidos, o que impede a dissociação e lhe confere uma outra

fisionomia em que cremos ver revelado algo da essencial missão do filósofo em nossos dias: o homem do engagement-dégagement, o homem que, parafraseando Péguy, não guarda as mãos puras simplesmente porque as não tem, o pensador que vai ao fundo da acção para vincular esta à meditação. Meditação que nos surge imediatizada na e pela incarnação, concreto estabelecimento de algo que era ainda teórico, vivência despida de toda a alienação, assunção firme e plena dos outros homens, não como tema duma filosofia, mas como base dum caminho e resposta ao mais pessoal dos apelos.

Assim o seu personalismo, se em si mesmo e em comparação com o de outros filósofos não contém muito de novo, é ele mesmo algo de novo, e nesta fórmula não paradoxal vai muito do que julgamos mais válido em Mounier. Certamente podemos lamentar que ele não tenha aprofundado mais este ou aquele pressuposto filosófico que sua obra implicava; certamente podemos lamentar que ele não tenha escrito sobre a pessoa, a comunidade, a incarnação, o compromisso, o «outro», a grande obra que tudo parecia preparar. Mas, mais do que temas de obras, esses foram temas de vida, e mais do que um aprofundamento doutros filósofos na sua filosofia, Mounier deixou-nos o material onde podemos recolher dados para essa imensa tarefa de conferir ao personalismo as bases doutrinárias, sem dúvida necessitantes, mas que o seu tempo (porque mais directamente o obrigou a outros compromissos) lhe não permitiu fazer.

«Matriz filosófica» é a expressão que Ricoeur (1) usa para exprimir a colaboração que suas primeiras obras prestaram às da maturidade. Cremos que, num sentido mais vasto, é possível englobar sob esse ponto de vista toda a sua obra e dela tomar ponto de partida inesgotável e fecundo para as mais válidas meditações. Mas cremos também sinceramente que quem quiser compreender Mounier somente desse ponto de vista o não compreenderá. Porque a sua filosofia nunca foi um ponto de chegada, mas um ponto de partida, e é no encontro com o homem ao longo das suas páginas, na fidelidade à sua iniludível vocação de homem da praxis que o podemos compreender como tal e apreender a sua dimensão.

Mounier, escreve Lacroix em fórmula que gostamos de recordar, n'est pas allé du personnalisme à la personne, mais de la personne au personnalisme, et le personnalisme n'a jamais été pour lui un système philosophique, mais le moyen de rappeler chacun à lui-même et à tous (2). Será preciso que o nosso caminho seja idêntico, para que possamos compreender o seu personalismo a partir do homem Mounier e de nós próprios.

Diziam-nos há pouco que a publicação deste livro em língua portuguesa seria adequado barómetro dos muitos estados de muitas coisas: o

(1) Paul Ricoeur — *Mounier philosophe*, em *Ésprit*, Dezembro de 1950.

(2) Jean Lacroix — *Mounier éducateur*, Dezembro de 1950.

maior ou menor acolhimento a esta obra feito serviria para aferir o menor ou maior grau de adormecimento a que temos sido lançados e em que nos temos deixado lançar. Recusando-nos a sempre fáceis e cómodos optimismos ou pessimismos, confessamos no entanto uma muito especial expectativa em relação ao modo como esta obra será recebida. Porque, mais do que nunca, é para todos nós chegado o tempo dos exames de consciência, de má consciência, e porque esta é a obra que, inquietando e dividindo, a eles conduz, algo dela esperamos sobre a nossa já costumeira apatia e desinteresse. Sem querermos parecer demasiado enfáticos ou demasiado proféticos, julgamos mais do que nunca chegada a hora das opções. Por elas espera e a elas nos invoca cada uma das páginas deste livro. E terminamos fazendo nossas palavras de Mounier há mais de vinte e cinco anos escritas, e que, mais do que quaisquer outras, respondem a tantas das nossas hesitações, a tantos dos nossos medos: «Quando já não tivermos possibilidades de sucesso, resta-nos testemunhar. Não se perde a vida daqueles que souberam dar largo testemunho. Conhecemos a fragilidade de nossas forças e do sucesso, mas conhecemos também a grandeza do nosso testemunho. Eis porque conduzimos sem hesitação a nossa tarefa na certeza da nossa juventude».

J. B. C.

ÍNDICE

Introdução Familiar ao Universo Pessoal	13
--	----

PRIMEIRA PARTE

AS ESTRUTURAS DO UNIVERSO PESSOAL

Cap. I — A Existência Incorporada	35
Cap. II — A Comunicação	55
Cap. III — A Conversão Íntima	77
Cap. IV — O Afrontamento	93
Cap. V — Liberdade com Condições	105
Cap. VI — A Eminente Dignidade	120
Cap. VII — O Compromisso	145

SEGUNDA PARTE

O PERSONALISMO E A REVOLUÇÃO DO SÉCULO XX	163
---	-----